

COVID-19¹

Meg Saiara Silva Ribeiro de Macedo²

Tento estar bem mesmo no crepúsculo
de tantas almas
De um certo modo tento fugir do
Pensamento das 114 mil histórias
que se findaram
Findaram pela incompetência de um
governo genocida
Findaram porque homens e mulheres
Sedentos de carne assassinam suas presas
Findaram porque o lucro vale mais
do que vidas
Findaram porque vivemos no limiar
da ferida doída e aberta da miserável
Alma humana
Somos urubus salivando e sobrevoando
sob a carniça
Nós fedemos abutres do capital
Almas perdidas sanguinárias
Corruptas e amedrontadas
Matamos nosso vizinho
para sobreviver
Corpos podres necrosados
Exalando pus
O convite da covid-19
é só o iceberg do inferno
O anúncio de que o humano
Espuma pela necropolítica
Segue persegue a morte
Como um ideal nefasto

¹ Este poema está sendo submetido ao dossiê: "Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19".

² Mestranda em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa.

23 DE MAIO³

Meg Saiara Silva Ribeiro de Macedo⁴

23 de maio de 2021, mais de 400 mil mortes. Mais de 400 mil mortes. Evito os números. Evito os gráficos. Evito meus próprios fantasmas. Um dia pensei que a minha melhor roupa fosse a armadura. Ela passou a ser extensão do meu corpo, de mim. Mas essa armadura pesa mais do que liberta. É como a síndrome de Estocolmo. A solidão segue sendo meu esconderijo. Mais uma vez evito os números. Ao desviar-me da covid-19 esbarro com meus medos mais infantis. Passo meses confinada. Confinada não somente fisicamente, mas aprisionada a tudo o que fez estilhaçar a minha alma. Encontrei-me em um local que ao mesmo tempo que me conforta, amedronta-me. A minha história nada bonita descortina-se sempre que me distraio: os fantasmas, os algozes, as correntes, as opressões, as humilhações, os maus tratos, os chicotes, os gritos, a infância, a juventude, os julgamentos, os mais diversos monstros que teimavam em confrontar-me. A fuga sempre me pareceu a melhor saída. Não há para onde fugir. Entre paredes. Paisagem íntima. Minha vida se mostra, me dilacera, deixa-me moída, desguarnecida. Todas as dores pulsam: sexismo, machismo, misoginia, lesbofobia, lgtbifobia, racismo, classismo, como se eu tivesse entrado sem desejo em um trem fantasma. Parque dos horrores. As rejeições. As risadas. As violências. Fizeram-me forte e fraca. Mas não há espaço para os vermes. Meu corpo não irá putrefazer. Ele renasce a cada golpe e nessa parede branca despejo toda tinta. Quando a pandemia findar afrontarei esses desenhos e direi que as dores são arte.

³ Este poema está sendo submetido ao dossiê: "Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do Covid-19".

⁴ Mestranda em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa.